



ISSN 2357-9854

## Editorial

### Artes visuais em espaços não formais de educação

Este número da Revista GEARTE se propõe a valorizar as riquezas que os contextos de educação em espaços não formais em artes visuais oferecem na contemporaneidade.

É oportuno trazer aos nossos leitores experiências inspiradoras em ambientes não formais, considerando que as demandas da educação em artes visuais na contemporaneidade vêm se ampliando. Hoje, as políticas públicas relativas à formação do profissional da área revelam um novo paradigma. Conceitos ignorados no contexto político-educacional de algumas décadas atrás agora têm presença fundamental na formação e na ação profissional, tais como a educação museal e a mediação (estética, cultural, social). Ambientes anteriormente pouco considerados emergem como possibilidade de atuação profissional com frequência. Além da escola e da universidade, instituições que promovem a produção, a preservação e a divulgação da arte e da cultura, como museus e Organizações Não Governamentais (ONGs), viabilizam a construção do conhecimento em artes. E cenários singulares estão surgindo, como é o caso de uma enfermaria infantil hospitalar, que pode ser conhecido em artigo deste número, e outros que concorrem para a ampliação do direito à educação artística e estética e para a universalização do acesso aos bens e serviços da cultura.

Assim, é oportuno trazer reflexões e experiências potentes que possam inspirar e orientar os profissionais desses inúmeros campos de atuação, os quais ampliam a participação cultural e social das pessoas que estão fora dos ambientes formais de educação.

Eva Morales Gómez, educadora, artista e pesquisadora do Colectivo Pedagogías Invisibles, de Madri (Espanha), no texto “Educación intergeneracional en centros de arte contemporáneo”, discute a falta de espaços em que possamos

estabelecer relações entre pessoas de diferentes gerações e aponta os museus e os centros de arte contemporânea como contextos possíveis para que isso aconteça. A autora menciona as grandes mudanças que ocorreram na sociedade desde os anos de 1960 para cá e questiona como nos posicionamos criticamente frente a tais transformações. Traz os estudos de Margaret Mead sobre os modos de interação entre diferentes gerações e refere que o Colectivo Pedagogías Invisibles tem oferecido oficinas intergeracionais como uma proposta educativa que permite o diálogo na diversidade de conhecimentos e aprendizagens entre pessoas de 0 a 99 anos.

No texto “Museus, educação e laboratórios experimentais”, Jorge Bejarano Barco, curador de projetos especiais do Museu de Arte Moderno de Medellín — MAMM, em Medellín (Colômbia), observa que durante os últimos dez anos esteve trabalhando em projetos educativos em vários museus de arte e em colaboração com espaços independentes de Medellín. O autor propõe algumas reflexões baseadas em sua experiência no campo da educação em museus e dos laboratórios experimentais com arte eletrônica e arte sonora. Considera o museu como um espaço estratégico em que é possível gestar a produção em arte, o cidadão e a instituição como o espaço que se materializam os projetos. Traz uma série de notas modulares evidenciando uma inquietação sobre temas atuais e pulsantes para pensar o museu e a educação como dimensões contemporâneas e em constantes transformações.

Em “O tempo, o museu e a mediação: o contemporâneo no espaço museológico” Júlia Rocha Pinto, professora da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), apresenta um fragmento de sua pesquisa de doutorado na qual discute o conceito de contemporâneo e o de museu contemporâneo contrapondo-o ao de museu moderno. Menciona que esta transição é marcada pela discursividade em torno da História da Arte, quando a diacronia é substituída pela sincronia. Reflete sobre o papel do educativo nos museus moderno e contemporâneo. Mostra que há um deslocamento das propostas educativas informativas para aquelas que buscam provocar experiências aos participantes; de ações para um público em geral para uma atenção às singularidades de cada grupo; da transmissão de conteúdos para a construção de uma relação dialogada, questionadora.

No texto “Notas sobre uma residência pedagógica no Museu de Arte do Rio” Angélica Vier Munhoz, professora do Centro Universitário UNIVATES, Cristiano Bedin da Costa, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Betina Silva Guedes, professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) trazem reflexões instigantes acerca de um fragmento de uma residência pedagógica realizada no Museu de Arte do Rio (MAR/RJ), em que o foco estava no espaço instaurado por práticas de mediação/experimentação produzidas nas interlocuções entre educador, público e obra. Tal espaço é significado como um texto, como uma tessitura de múltiplos sentidos. O artigo fundamenta-se em Roland Barthes para analisar vivências artísticas que incitam a criação de novos sentidos tanto para a obra como para a arte e para a vida.

Luciano Parreira Buchmann, professor da Universidade do Estado do Paraná (UNESPAR), no texto “Da gaveta à ação educativa: uma experiência a refletir”, descreve e analisa uma proposta artística realizada na disciplina “Ação educativa em espaços culturais” do curso de Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). A discussão fundamenta-se nas reflexões de vários teóricos sobre mediação e em Bachelard, ao discorrer sobre o conceito de gavetas. O texto traz contribuições para o campo da formação de profissionais da educação em artes visuais em atuação em espaços não formais de educação.

Em “Artes Visuais em um espaço não formal de educação: uma mostra e uma experiência de mediação como interface público/arte” Airton Jordani Jardim Filho, doutorando da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), apresenta e analisa um trabalho de mediação como culminância de um processo de produção e exposição de trabalhos de alunos da disciplina “Ação educativa em espaços culturais” do curso de Artes Visuais da UDESC. O autor fundamenta suas reflexões na proposição de mediação como interface, a partir de Martin Grossmann.

Adriana Mabel Fresquet, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Fernanda Walter Omelczuk, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no artigo “Por que aprender cinema no hospital? Experimentações com a sétima arte em contexto não formal de educação” apresentam algumas ressonâncias da aprendizagem a partir do cinema (assistir e produzir filmes) em uma enfermaria

infantil hospitalar. Refletem sobre o cinema e suas potências estética, ética e sociopolítica, articulando os campos da Pedagogia Hospitalar, da Classe Hospitalar e do Ensino da Arte. Este trabalho integre o grupo de pesquisa e extensão *Cinema para Aprender e Desaprender* – CINEAD, que desde 2006 realiza atividades de fruição e criação cinematográfica com professores e alunos de escolas públicas no Rio de Janeiro.

Ricard Huerta, professor da Universitat de València, em Valência (Espanha), no texto “Mujeres Maestras de Perú: investigar en educación artística transitando entornos formales e informales” apresenta o projeto Mulheres Professoras, que tem um discurso calcado na pesquisa em arte-educação. A investigação é baseada na aproximação das identidades das mulheres que se dedicam ao ensino. O projeto é uma homenagem ao grupo de professoras, um trabalho que tenta mostrar questões pessoais e profissionais que afetam as professoras. A metodologia é qualitativa a partir do conhecimento direto de 21 casos em cada país, em diferentes partes da América Latina. Em 2016, foi realizada a coleta de informações em várias escolas de Lima, com a gravação entrevistas com mulheres de diferentes níveis sociais, idades e situações. Para 2017, está prevista a exposição “Mulheres Professoras do Peru”. Através dessa pesquisa, unem-se o ambiente formal (escolas) com espaços não formais (museus) por meio da arte, do patrimônio e das ações performativas.

No artigo “Tecidos femininos: reflexões sobre um processo de criação artística” Maria Regina Johann, professora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), mostra-nos os bastidores de uma pesquisa artística em que utiliza imagens manipuladas, organizadas, digitalizadas e interferidas com desenho e pintura. O texto nos convida a refletir, a partir de Derdyk, sobre parte desse processo de pesquisa, que resultou em 100 composições, organizadas em três livros — Tecidos Femininos I, II e III. Ao mesmo tempo em que aborda seu processo de criação, suas inquietações, a autora entrelaça memórias femininas e destaca o sentido pessoal que essas adquiriram nessa experiência estética e autoformadora.

Em “Imagens e sentidos: do preenchimento do vazio ao transbordamento” Claudia Aparecida Santos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), trata de questões relativas à imagem como lugares de aprender, no campo da cultura visual.

Não adentra no campo do ensino em espaços não formais, mas trata de questões de interesse para quem atua neste campo, bem como na escola.

Para comemorar os 80 anos de Ana Mae Barbosa e 60 anos de sua trajetória como docente e pesquisadora, Umbelina Barreto, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), nos brinda com o belo ensaio visual “Com quantas janelas? Uma homenagem a Ana Mae Barbosa”.

Antes de finalizarmos este número da Revista foi publicado o Qualis Periódico pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e nossa revista, em sua primeira avaliação, foi classificada como B1. Gostaríamos de celebrar com os leitores e de agradecer aos autores; a Umbelina Barreto pelo ensaio poético e pelas capas da Revista; aos avaliadores, tradutores e revisores; e a toda equipe do GEARTE que tem trabalhado na produção e publicação da Revista.

Boa leitura!

Analice Dutra Pillar (Editora-chefe)

Andrea Hofstaetter (Editora associada)

Maria Helena Wagner Rossi (Editora associada)

Marília Forgearini Nunes (Editora associada)